

A aferição da pressão arterial está sujeita a inúmeros erros potenciais, os quais, em um serviço de emergência são mais dificilmente detectados, levando a sua perpetuação. No intuito de detectar a existência de erro, avaliamos a diferença entre os valores de pressão arterial aferidos no serviço de triagem e os aferidos por aferidores previamente treinados. Estes aferidores foram os primeiros 7 autores, acadêmicos da Faculdade de Medicina da UFRGS. Foram selecionados 156 pacientes triados. Eles foram submetidos a mais duas aferições, pelos alunos, após a aferição realizada pela triagem. Utilizamos um esfigmomanômetro aneróide e outro digital. O estudo foi dividido em duas fases: na primeira, aferiu-se com o aneróide e com o digital, nesta ordem; na segunda, foi utilizada a ordem inversa, para que fosse possível a comparação de todas as medições em diferentes relações temporais. Assim poderíamos determinar a influência deste fator sobre os resultados obtidos, bem como teríamos a possibilidade de correlacionar as medidas feitas com o aparelhos digital e aneróide com o valor obtido pelas enfermeiras, tendo o mesmo intervalo de tempo em ambas as comparações. A análise foi realizada separadamente para os valores sistólicos e diastólicos. Não encontramos diferença entre os três grupos que possam ser clinicamente relevantes, mas a prevalência de valores terminados em zero nas medidas realizadas pela triagem foi significativamente superior.